

O hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha

Karen Pupp Spinassé*

Resumo: Devido à grande imigração de língua alemã para o Brasil, a relação entre Brasil e Alemanha apresenta aspectos peculiares muito interessantes. Do ponto de vista lingüístico, a existência ainda hoje de variedades de base germânica no dia-a-dia de inúmeras comunidades no sul do Brasil é um dado extremamente valioso, que muito mostra dessa relação. Pretendemos, com este artigo, apresentar alguns aspectos do hunsrückisch – uma dessas línguas de imigração –, caracterizando-a como um fato histórico, uma herança cultural dos imigrantes de língua alemã.

Palavras-chave: Contato lingüístico, mudança lingüística, hunsrückisch

Abstract: Because of the great immigration of German speakers to Brazil, the relationship between Brazil and Germany shows peculiar and very interesting aspects. From the linguistic point of view, the remnants of German linguistic influences still present today in many communities in south Brazil provides extremely valuable data. In this paper we intend to present some aspects of the hunsrückisch – one of these immigration languages – characterizing it as a historical fact, a cultural heritage of German speaking immigrants.

Keywords: Language contact, language change, hunsrückisch

Introdução

Quando se pensa em abordar a relação entre Brasil e Alemanha do ponto de vista cultural, social e identitário, é impossível não pensar também no fator lingüístico. A língua é um fato histórico que transita – embora às vezes quase imperceptivelmente – por várias outras áreas, sendo relevante para estudos da antropologia, da sociologia, da psicologia e da história em si.

Muitas pessoas aprendem o idioma alemão como língua estrangeira no Brasil, por variados motivos, tanto que o alemão-padrão ocupa hoje uma posição entre as cinco línguas estrangeiras mais aprendidas no país.¹ Sem dúvida, esse é um dado extremamente relevante para a relação atual entre o Brasil e a Alemanha – sobretudo no que concerne as relações profissionais, comerciais e econômicas.

Entretanto, grande parte desse interesse no idioma alemão na atualidade provém de uma ligação estreita já existente e consolidada entre os dois países há muitos anos. Devido à grande imigração de língua alemã para o Brasil ao longo dos séculos XIX e XX e ao grande número de descendentes de alemães, austríacos, suíços e etc no país, o interesse pela língua e cultura germanófono é bastante grande.

Por esse motivo, ao tratar aqui da língua alemã, não pretendemos discutir a situação atual do alemão-padrão como língua estrangeira no Brasil. Muito mais interessa-nos abordar o processo histórico da língua alemã diária falada em ambientes naturais em solo brasileiro ao longo desses anos – processo este que ainda não acabou, uma vez que esse “alemão” ainda pode ser ouvido no dia-a-dia de muitas localidades no sul do Brasil.

Todo o caso de emigração/imigração engloba uma integração em diferentes níveis, e os imigrantes têm que passar por um contínuo processo de adaptação social e lingüística para se adequarem ao novo meio. Nesse contexto, porém, os imigrantes geralmente também desejam manter suas tradições e sua língua de origem para que sua identidade seja mantida (não necessariamente de forma consciente; na maioria das vezes isso ocorre de forma natural e impensada. A integração é necessária, desejada e inevitável; contudo, a ligação com a origem e o passado também o é).²

* Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua no Setor de Alemão (Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras). E-mail: spinasse@ufrgs.br

¹ PUPP SPINASSÉ, Karen. “Deutsch in Rio Grande do Sul: Der Beitrag der UFRGS”. In: *Info-Arpa* (Jornal da Associação Riograndense de Professores de Língua Alemã), ano 27, nº 2. Nova Petrópolis, ARPA. 2007.

² Cf. NEUMANN, Gerson Roberto. A “Muttersprache” (língua materna) na obra de Wilhelm Rotermund e Balduino Rambo e a construção de uma identidade cultural híbrida no Brasil. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. 2000.

Esse processo de adaptação lingüística de imigrantes muitas vezes deixa rastros perceptíveis na língua falada, principalmente quando se trata de um grupo inteiro de língua minoritária dentro de uma comunidade de fala com outra língua como dominante. Esse contato lingüístico entre língua majoritária oficial e língua minoritária familiar/comunitária pode desenvolver fenômenos muito especiais e peculiares do ponto de vista lingüístico – e o contato dos dialetos alemães falados quando da imigração com o português originou não só fenômenos de diglossia e *code-switching* (termos serão esclarecidos adiante), como também resultou em novas variedades lingüísticas: os dialetos alemães brasileiros.

Para alguns pode soar um pouco estranho falar sobre um “alemão brasileiro”. Apesar de muitas pessoas conhecerem a história da formação do povo brasileiro e saberem das imigrações em massa ocorridas ao longo dos séculos XIX e XX, a idéia do Brasil como um país homogêneo e monolíngüe, propagada veementemente pelas mais altas forças políticas em variados momentos da história³, faz com que pareça estranho que no Brasil também sejam faladas outras línguas.

Todavia, além de ser possibilitado às crianças descendentes de imigrantes de língua alemã o aprendizado do alemão-padrão como língua estrangeira em várias escolas⁴, muitas delas aprendem a variedade de imigração, sobretudo no meio rural, como uma de suas línguas maternas (ao lado do português). Com isso, junto às tradições culturais que são mantidas nas comunidades, como as festas e as comidas, também a língua é mantida como um patrimônio cultural dos ancestrais.

Nesse artigo, abordaremos uma variedade de imigração de base alemã de grande abrangência no Brasil: o “hunsrückisch”. Para tanto, nos utilizaremos de algumas pesquisas de campo desenvolvidas durante as pesquisas do doutorado, bem como de outros trabalhos que abordaram minuciosamente a situação lingüística do “alemão” falado no Brasil, a saber Altenhofen (1996), Ziegler (1996) e Tornquist (1997). Temos como objetivo principal dessa contribuição apresentar esse contexto lingüístico peculiar muitas vezes desconhecido por muitas pessoas, apontando para os fenômenos decorrentes do contato lingüístico, a fim de divulgar a riqueza cultural existente nas comunidades de fala bilíngüe hunsrückisch-português, derivada da relação ancestral entre Brasil e Alemanha.

Aspectos histórico-lingüísticos da imigração alemã no Brasil

No século XIX, a Europa viveu um período extremamente instável e os “estados alemães”⁵ passavam por uma grave crise. Em conseqüência de um sistema feudal arcaico, no qual a nobreza detinha o poder e os privilégios, os pequenos proprietários rurais passavam por grandes dificuldades, tendo que pagar impostos exorbitantes. O mesmo acontecia nas cidades com comerciantes, autônomos e artesãos, os quais iam a falência. Além disso, os estados de língua alemã estavam atrasados no que dizia respeito ao desenvolvimento industrial, devido às inúmeras guerras e à localização geográfica (longe do mar, por exemplo). A superpopulação fazia o desemprego crescer constantemente, pois não havia emprego suficiente para todos nem no seu território e nem em outros territórios (como colônias). Somado a isso, os constantes conflitos religiosos e políticos também deixavam o país inseguro e a grande crise agrária contribuía para uma pobreza generalizada. Mesmo com esse contexto, os governos não mostravam grande interesse na situação emergencial de seu povo.⁶

De forma geral, essa situação levou muitas pessoas a deixar o seu país, como sendo esta a única possibilidade de mudar de vida. Assim iniciou, nos estados de língua alemã, no período em que se buscava a unificação, uma enorme emigração além-mar. Esses aposentados, autônomos, comerciantes, artesãos e, principalmente, agricultores de língua alemã tinham o “Novo Mundo” como objetivo, e emigraram, sobretudo, para os Estados Unidos, Canadá e Brasil.⁷

Apesar de existirem desde 1547 registros da presença alemã no Brasil, nos atemos aqui à grande onda imigratória, a imigração em massa, com início oficial datado de 25 de julho de 1824. No caso das presenças anteriores (pesquisadores,

³ PUPP SPINASSÉ, Karen. “O Ensino de Línguas em Contextos Multilíngües”. In: Revista Fragmentos. No prelo.

⁴ O governo brasileiro prevê em lei que as escolas de regiões onde houve imigração tenham o direito de oferecer a língua de imigração como primeira língua estrangeira nas escolas, e não a língua que normalmente está no currículo.

⁵ Utilizamos aqui a forma “estados alemães” em detrimento do termo “Alemanha”, para não confundir com a denominação de Alemanha que temos atualmente. Não havia unidade nacional alemã quando do início da grande imigração para o Brasil, portanto, preferimos nos referir a um território de língua alemã, englobando, inclusive, territórios que hoje se configuram em outros países.

⁶ Cf. NEUMANN 2000, 13-20; SCHRÖDER, Ferdinand. *Die deutsche Einwanderung nach Südbrasilien bis zum Jahre 1859*. Berlin, Ev. Hauptverein für Deutsche Ansiedler und Auswanderer. 1931; ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul - I e II*. Porto Alegre, Globo. 1969; WILLEMS, Emilio. *A Aculturação dos Alemães no Brasil. Estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2ª ed., il., rev. e ampl. São Paulo, Ed. Nacional. 1980

⁷ Cf. WILLEMS 1980, 32-40

cientistas, soldados em missão exterior, aventureiros ou negociantes que tentavam iniciar um empreendimento no novo país por conta própria⁸), essas pessoas vinham sozinhas ou em pequenos grupos, não formando colônias no sentido literal da palavra, ou seja, comunidades rurais de trabalho agrícola. Na maioria das vezes eles ficavam pouco tempo no Brasil e retornavam à Alemanha.

Os imigrantes propriamente ditos se abarcaram principalmente na região sul do Brasil. O governo brasileiro enviou-os primeiramente para o sul, pouco povoado, principalmente porque com isso, entre outros motivos, as fronteiras com os países hispânicos estariam finalmente mais bem protegidas.⁹ Quando os imigrantes chegaram, eles não encontraram a estrutura pronta para o trabalho agrícola, mas sim a floresta virgem, que tiveram que desbravar. Com isso, foram criadas no sul do país várias pequenas comunidades que durante muito tempo viveram isoladas.

Sob a perspectiva lingüística, os falantes de alemão formaram assim chamadas “ilhas lingüísticas”. No imenso país, onde uma língua oficial é difundida e diária, havia “clareiras” – as colônias – onde uma outra língua (uma língua estrangeira) era falada. Dentro dessas ilhas, os moradores não vinham, porém, de uma mesma região do solo germânico. Como os estados de língua alemã ainda não representavam uma unidade na metade do século XIX, as diferenças dialetais eram ainda mais perceptíveis. Esses diferentes dialetos foram trazidos para o Brasil, onde entraram em contato direto uns com os outros dentro de uma mesma comunidade. Em comunidades homogêneas o dialeto corrente era também a variante da maioria e foi mantido; nas colônias heterogêneas houve um processo inevitável, natural e muito forte de mistura de elementos dessas variedades orais, sendo que a variante da maioria normalmente se sobrepunha às demais.

Como a maioria dos imigrantes originava-se da região de língua alemã mais pobre naquela época¹⁰ – a região do Hunsrück –, e sua língua diária era o dialeto francônio-renano/francônio-moselano, essa variedade contribuiu inegavelmente mais para a formação de uma língua híbrida no Brasil.

Em uma primeira fase do processo de imigração, as colônias vivenciaram de forma especial a característica de “ilha”. A vida em um tipo de comunidade fechada contribuiu para que a língua alemã se desenvolvesse forte e presente – embora para a grande maioria não houvesse mais nenhum contato com a Alemanha. Como o governo brasileiro praticamente não lhes deu auxílio para as questões diárias, eles tiveram que construir sua própria estrutura comunitária (escola, igreja, clube...). Com isso, a escola não ensinava português, mas sim alemão, a única língua que o professor sabia. Da mesma forma, os cultos aconteciam em alemão, já que o pastor era, muitas vezes, um dos imigrantes. Assim, existia uma pequena “Alemanha” durante alguns anos dentro de um espaço lingüístico do português.

Não estamos afirmando aqui que não havia contato com o “mundo exterior”. Este, contudo, não era muito intenso e nem para todas as pessoas. Existiam alguns colonos que, representando a comunidade, faziam comércio, saíam para vender produtos e até se engajavam politicamente. Entretanto, muitos, principalmente as mulheres, ficavam apenas na colônia. Com isso, aprender o português não era algo necessário para muitos dos imigrantes, que naturalmente passavam a língua mais fácil para eles (o alemão) como língua materna para seus filhos. O português era visto como uma língua muito difícil e não era essencial para a vida; mais um fator de status. Devido ao comércio (de brasileiros e italianos) que mais tarde começou a vir até a colônia, os alemães aprendiam o português, mas não formalmente. Como falavam com sotaque e sem muita proficiência no que dizia respeito à sintaxe e ao léxico, preferiam evitar a língua da nova pátria em detrimento da língua da pátria abandonada.

Aqueles que aprendiam o português não substituíam o seu alemão por essa língua. A língua da família era e continuou sendo o alemão. Uma combinação de muitos fatores pode ser citada para a caracterização de “Língua Materna”, e o “alemão” correspondia a essas características de várias maneiras. Por isso, ela era

⁸ Cf. BOSSMANN, Reinhold. “Zur deutsch-brasilianischen Mischsprache”. In: *Letras* 1. Curitiba 1953. 96-114. Em relação às principais personalidades de origem germânica que estiveram no Brasil antes de 1824, vide Schröder 1931, 26-27.

⁹ Cf. BRUNN, Gerhard. “Die Bedeutung von Einwanderung und Kolonisation im brasilianischen Kaiserreich (1818-1889)”. In: *Jahrbuch für Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas* 9. Köln/Wien, Böhlau. 1972. 287-317

¹⁰ KOCH, Walter. “Neuere Untersuchungen über die deutsche Sprache in Rio Grande do Sul”. In: *IV. Lateinamerikanischer Germanistenkongress*. São Paulo, USP. 1974. 143-161.

passada para as crianças. Tratava-se da língua da mãe, a língua do pai, a língua das outros membros da família, a língua do meio e da comunidade; a primeira língua aprendida; língua com a qual se tinha uma relação afetiva; a língua do dia-a-dia; língua a qual o indivíduo dominava de forma melhor; com a qual ele se sentia bem... Todos esses são aspectos determinantes para a definição do status de “Língua Materna”.¹¹

Apesar de aprenderem o português (independente da circunstância), havia a prática mais constante do alemão, considerada por eles a língua mais fácil (com a qual eles estavam mais familiarizados). Havia a consciência, porém, de que aprender português era importante. Obviamente, o fator “status social” contava bastante, pois o português era não só a língua dominante socialmente, mas também a língua com melhor status. Havia também a vontade de se integrar mais nas questões sociais do país. Contudo, o alemão era a língua da colônia.¹² A prática do português nos lares dos imigrantes e descendentes foi, durante muito tempo, pequena. No censo de 1940, por exemplo, apurou-se que no Rio Grande do Sul 747.859 pessoas não falavam o português em casa: 393.934 dessas pessoas falavam alemão e 295.995, italiano. Contudo, mais de 95% dessas pessoas eram nascidas no Brasil.¹³

Vivendo nessa diáspora entre língua majoritária oficial e língua minoritária do lar, os elementos das duas línguas dominadas começaram a se misturar: o uso de lexemas de diferentes códigos lingüísticos em uma mesma construção frasal (*code-mixing*) e o uso alternante de diferentes códigos lingüísticos no discurso durante uma mesma conversa (*code-switching*) tornou-se uma prática usual.

A prática (consciente ou não) da manutenção da língua alemã entre os imigrantes e seus descendentes ainda era muito forte em 1937, quando Getúlio Vargas outorgou a nacionalização no Brasil. Era destacada a importância de se caracterizar uma nacionalidade brasileira, uma identidade nacional de brasileiro, e qualquer manifestação em língua estrangeira era proibida. O português tornou-se, mais do que nunca, obrigatório nas escolas primárias, e a estrutura tradicional de isolamento foi duramente combatida. A nacionalização significou uma quebra na estrutura e na tradição escolar que havia sido desenvolvida e cultivada por um século. Além disso, significava para os alunos uma verdadeira quebra no aprendizado: eles haviam sido alfabetizados em alemão; até passarem para o ginásio, quando teriam que saber português o suficiente, já teriam se passado quatro anos. Como consequência do nacionalismo, essas crianças acabaram por não aprender nem o alemão-padrão nem o português.¹⁴

A isso se soma ainda a Segunda Guerra Mundial, na qual o Brasil se colocou ao lado dos aliados – contra a Alemanha. Todo esse contexto assinalou “avanços” no processo de mudança lingüística, pois o alemão foi severamente proibido no Brasil. Isso contribuiu para que mais elementos do português entrassem no alemão falado nas colônias: alguns indivíduos evitavam o alemão, trazendo mais o português para dentro das comunidades. Além disso, com a proibição do alemão-padrão, com a abolição de sua prática e de seu ensino, as variedades orais familiares/comunitárias assumiram ainda mais o status de língua da colônia, desenvolvendo-se talvez mais do que outrora.

A língua e a discussão lingüística

Como resultado de todo esse processo, nasceu uma nova variedade lingüística, que apesar de carregar elementos dos dois idiomas, não deve ser caracterizado nem como alemão e nem como português. Do contato lingüístico entre ambos os idiomas se desenvolveu uma terceira variedade – tanto que Ziegler a define em suas pesquisas como “Misturado”: “... Variedade que se define (...) através de fortes interferências do português em todos os níveis lingüísticos, [e que] pode ser observada nos descendentes de alemães bilíngües no Rio Grande do Sul.”¹⁵

Essa denominação, contudo, é questionável, uma vez que, em se chamando a variedade de “Misturado”, a mesma é reduzida apenas a um resultado de

¹¹ Cf. ALTENHOFEN, Cléo Wilson: “O Conceito de Língua Materna e suas implicações para o estudo do Bilingüismo (Alemão-Português)”. In: *Jahrbuch* 49. São Paulo, Institut Martius-Staden. 2001. 141-161 e SCHMID, Gerhard Friedrich. “Deutsch als Mutter- Zweit- und Fremdsprache in Rio Grande do Sul”. In: *II Congresso Brasileiro de Professores de Alemão*. São Leopoldo, ABRAPA. 1991. 95-96.

¹² Vide RAMBO, Arthur Blásio. *A Escola Comunitária Teuto-Brasileira Católica*. São Leopoldo, UNISINOS. 1994, 141 e SCHADEN Egon. “Aspectos históricos e sociológicos da escola rural teuto-brasileira”. In: *I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da UFRGS. 1963. 65-77.

¹³ Vide KOCH, Walter. “Gegenwärtiger Stand der deutschen Sprache im brasilianischen Gliedstaat Rio Grande do Sul”. In: *Arbeitsstelle für Mehrsprachigkeit am Institut für deutsche Sprache*, 1. Mannheim, Institut für Deutsche Sprache. 1979. 79-117.

¹⁴ Cf. RAMBO 1994, 77-84

¹⁵ ZIEGLER, Arne. *Deutsche Sprache in Brasilien - Untersuchungen zum Sprachwandel und zum Sprachgebrauch der deutschstämmigen Brasilianer in Rio Grande do Sul*. Essen, Die blaue Eule. 1996, 73 – “... Varietät, die sich (...) durch starke portugiesische Interferenzen auf allen sprachlichen Ebenen definiert, [und die] bei den zweisprachigen Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul zu beobachten [ist].”

uma mistura – o que não é o caso. Para ser hunsrückisch não basta misturar elementos do alemão com o português. Pensando assim, ignora-se toda a regularidade existente na gramática dessa língua. A mistura é apenas um aspecto – e talvez nem tão amplo assim – dentro da variedade de imigração. Além disso, empréstimos e estrangeirismos ocorrem em todas as línguas. O contato lingüístico é sem dúvida um fenômeno muito perceptível no hunsrückisch. Entretanto, como qualquer língua viva, essa variedade também passou por outros fenômenos intralinguais, por exemplo, que também determinaram seu estado atual.

Por esse motivo, Altenhofen (1996) procurou dar uma definição menos redutiva, formada a partir da nomenclatura ouvida em localidades de fala da variedade, denominando-a “riograndenser hunsrückisch” (ou hunsrückisch riograndense).¹⁶ O termo “riograndense”, na nossa opinião, não se faz necessário, contudo, por dois motivos: 1) não existe um hunsrückisch alemão, uma vez que o dialeto da região, na verdade, chama-se francônio-renano/francônio-moselano, não havendo a necessidade dessa especificação; 2) também se fala hunsrückisch em algumas localidades de Santa Catarina e do Paraná. Mesmo sabendo que essas colônias certamente foram fundadas por descendentes de teuto-gaúchos que levaram consigo seu falar alemão riograndense, achamos que o adjetivo reduz o objeto que, na realidade, tem dimensões muito maiores.

Não está se querendo dizer aqui que haja apenas uma forma de hunsrückisch em todas as localidades dos três estados onde a mesma é encontrada (sem falar de uma cidade no Espírito Santo que também seria de fala do hunsrückisch). Não queremos incorrer no mesmo erro que a denominação “Brasildeutsch” comete, nivelando, despropositadamente, todas as variedades de base germânica em uma única categoria. Sendo “Brasildeutsch” uma língua de base germânica falada no Brasil, acaba-se por classificar o vestfaliano, o pomerano, o hunsrückisch entre outros como uma coisa só. Enxergamos as diferenças entre essas diferentes variedades e nos é consciente as diferenças internas encontradas no próprio hunsrückisch de um ponto para o outro. O hunsrückisch seria originado de uma espécie de coiné, ou seja, do resultado da interseção de diferenças dos dialetos alemães confrontados em solo brasileiro – no caso com a imposição do dialeto francônio-renano como da maioria –, somada a variações inter e intralinguais, servindo de conceito guarda-chuva para o vários socioletos/familioletos estreitamente ligados entre si através de estruturas básicas, mas com determinadas diferenças sutis na fonologia e no léxico, por exemplo.

O contato entre os diferentes dialetos alemães, com o alemão-padrão, bem como com o português e também com outras línguas de imigração, como o italiano, assim como antigos empréstimos do francês e a estrutura do alto-alemão médio formaram essa variedade oral.

Muitos lingüistas vêem o hunsrückisch como um novo sistema lingüístico e não necessariamente como um dialeto direto do alemão-padrão atual. Altenhofen coloca desta forma: “Se o termo ‘dialeto’ tivesse que ser usado, então o hunsrückisch seria uma variedade ‘sem teto’¹⁷, uma vez que não existe mais uma língua-padrão à qual esteja diretamente subordinada. Por questões também puramente terminológicas, evita-se chamar a variedade misturada do Rio Grande do Sul de língua, embora seja comum. O conceito mais apropriado seria “socioleto” ou “familioleto”¹⁸, já que representa um código lingüístico para comunidades específicas e mesmo famílias específicas. Como já dissemos, porém, essa é uma questão terminológica e a forma como a variedade é classificada por um ou por outro autor não muda a sua essência. O importante é assinalar que se trata, como Fausel já salientava, de uma “variedade oral de base francônia”¹⁹ – em comparação com outras variedades dialetais misturadas que tiveram outro dialeto como base mais forte, como o vestfaliano, o pomerano etc. Entretanto, nenhum deles é exatamente como era no tempo da imigração²⁰: quando falamos de vestfaliano ou hunsrückisch, referimo-nos não às formas atuais alemães, mas sim às variedades brasileiras que tiveram os dialetos desses locais como base.

¹⁶ ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart, Steiner. 1996.

¹⁷ ALTENHOFEN 1996, 71

¹⁸ Essas são formações a partir do conceito “idioleto” (“variedade oral individual, a qual se percebe em cada falante da menor e mais segregada comunidade especificamente” – WANDRUSZKA, Mario. *Die Mehrsprachigkeit des Menschen*. München, Piper. 1979, 38), que, por sua vez, deriva do termo “dialeto”. “Socioleto” seria, segundo WANDRUSZKA 1979, 27, a linguagem diária de um determinado grupo. O conceito “familioleto” foi utilizado pela primeira vez por Clyne 1968, 84 e descreve uma forma de fala específica e característica para uma família (apud TORNQUIST, Ingrid Margareta. “Das hon ich von meiner Mama” – zu Sprache und ethischen Konzepten unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul. Uppsala, Umeå. 1997, 35.

¹⁹ FAUSEL, Erich. *Die deutschbrasilianische Sprachmischung*. Berlin, Erich Schmidt. 1959, 9.

²⁰ Cf. BOSSMANN 1953, 97

O corpus do hunsrückisch é bastante germânico, apesar de todos os empréstimos do português, lembrando muito a língua de origem; seu status, contudo, é brasileiro, devido, principalmente, ao contexto onde foi desenvolvido. O hunsrückisch é uma das línguas brasileiras, sendo considerada, junto de outras línguas de imigração e indígenas, patrimônio cultural imaterial do país.²¹

Segundo Weinreich duas (ou mais) línguas estão em contato quando elas são utilizadas alternadamente pelo mesmo falante.²² Elas se misturam em diferentes áreas lingüísticas e essas transferências causam as mudanças nas línguas: elas se concretizam e são mantidas em sua estrutura. Isso conduz à mudança lingüística.

O termo “mudança lingüística” é definido segundo o *Lexikon der Sprachwissenschaft* (Léxico da Lingüística) como um “processo de modificação de elementos e sistemas lingüísticos com o tempo”.²³ Toda língua moderna está, sob a perspectiva da lingüística, em constante processo de modificação, uma vez que é viva. Em caso de contato lingüístico, esse processo vai ainda mais adiante, pois a mudança não ocorre apenas dentro da língua, mas como consequência de uma troca entre duas línguas e das interferências que resultam reciprocamente disso. Esse é o caso no sul do Brasil em quase todos os contextos: o contato entre as línguas causou mistura, e através disso, mudança.

No dialeto francônio-renano/francônio-moselano ocorrem fenômenos que também aparecem no hunsrückisch, pois foram mantidos. A seguir, daremos alguns exemplos.

Os fones do alto-alemão médio (doravante mhd.) [û] e [i] não ditongaram, respectivamente, para [au] e [ai] como no alemão-padrão atual (nhd). A palavra do mhd. “*uf*” (nhd. *auf*) permaneceu “*uf*” (com [u] curto, como “*uff*”), assim como o verbo do mhd. “*sin*” (nhd. *sein*) foi mantida na forma antiga (com [i] curto: “*sinn*”).

Embora se tratando de um fenômeno não presente em todas as localidades de hunsrückisch no Brasil, em boa parte delas o ditongo do alto-alemão velho (ahd.) [ai] (mhd. <ei> / [ai]) monotongou para um longo “e” ([e:]): “*Bein*” passou a [Be:n] (<been>) e “*klein*” a [kle:n] (<kleen>).

Mais ditongações e outros fenômenos fonéticos vocálicos também são achados no hunsrückisch, seguindo um padrão muito lógico e interessante. Também no nível das consoantes houve fenômenos. A título de ilustração, citamos a forte pronúncia das oclusivas sonoras ([b], [d], [g]), que passam a soar como as respectivas surdas ([p], [t], [k]), como em **Pruder** (*Bruder*), **Torscht** (*Durst*) e **Kaul** (*Gaul*). O caminho contrário, ou seja, a suavização de consoantes surdas também é encontrada em alguns casos: de [p] para [b] ocorre mais raramente, sendo notado apenas em casos específicos. O fenômeno ocorre mais com as outras e sobretudo em meio ou fim de palavra: o [t] passa para [d], por exemplo, em **Sonndach** (*Sonntag*) e **Blädder** (*Blätter*). No fim de palavra também o [k] é sonorizado para [g], como observado em **tang** (*dank*) e **ich tenge** (*ich denke*). A frase a seguir, coletada em uma localidade do sul do Brasil, mostra bastante essa inversão recíproca:

- De **kude**, **alde Mann** ist mit de **Kaul** dois Eis **geproch** unn ins **kalda** Waser **gefall**²⁴ (nhd. *Der gute, alte Mann ist mit dem Gaul durch das Eis gebrochen und ins kalte Wasser gefallen* / port. O velho bom homem com o cavalo quebrou o gelo e caiu na água fria)

O interessante é que tais fenômenos também aparecem com palavras do português que estejam sendo usadas no lugar das correspondentes alemãs:

nhd. der Kater / port. o **gato** / hrs. der **Kato**
nhd. der Kleiderbügel / port. o **cabide** / hrs. der **Gabide**
nhd. die Kartoffel / port. a **batata** / hrs. die **Patata**
nhd. die Schenke / port. a **bodega** / hrs. die **Putega**
nhd. die Seife / port. o **sabonete** / hrs. der **Saboned**²⁵

Também a apócope (queda de um ou mais fones nas extremidades da palavra) é um fenômeno corrente do dialeto original alemão que também ocorre no hunsrückisch, como vemos nos exemplos de Altenhofen (1996):

²¹ Na seguinte página encontra-se um texto de OLIVEIRA, Gilvan Müller de. sobre política patrimonial e o processo corrente de registro das línguas brasileiras: <http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=211> – último acesso em 17 de dezembro de 2008.

²² WEINREICH, Uriel. *Languages in Contact: Finding and Problems*. London, Mouton & Co. 1967, 1.

²³ BÜBMAN, Hadumod. *Lexikon der Sprachwissenschaft*. Stuttgart, Kröner. 2002, 638-639. Do original: “Prozess der Veränderung von Sprachelementen und Sprachsystemen in der Zeit”.

²⁴ As expressões em hunsrückisch serão aqui transliteradas, e não transcritas foneticamente, a fim de serem passíveis de visualização também por pessoas de outras áreas.

²⁵ Como se pode perceber no par “*Seife* / *sabonete*”, a palavra emprestada do português muitas vezes traz o artigo do português consigo. Mais um exemplo seria: nhd. *der Unterricht* / port. a aula / hrs. **die Unterricht**

- Em início: cai o [e] da palavra portuguesa “Estrela”, que passa a **Strele** (nome de cidade).

- Em fim: cai o [e] da palavra portuguesa “canivete” e vira **ganivet** (ap. *Taschenmesser*)

- Em início e fim simultaneamente: caem as vogais [e] e [a] da palavra portuguesa *espoleta*, que passa a **spolet** (ap. *Zünder*)

Assim como no alto-alemão médio, o prefixo <ge-> no particípio II de alguns verbos fortes cai, por exemplo **mitkriecht** (nhd. *mitgekriegt*) e **komm** (nhd. *gekommen*).²⁶ Vale ressaltar também que formas de particípio II de alguns verbos mistos sofreram modificação por analogia. Enquanto “*bringen*” faz o particípio com **gebrung**, “*gedacht*” e “*gekannt*” passam, respectivamente, a **gedenkt** e **gekennt**:

- *Häst'en gekennt! Dann wär's anasta komm, unn es tät besser um'en stehn. (Hättest du ihn gekannt! Dann wäre es anders gekommen, und es täte besser um ihn stehen).* (Se você o tivesse conhecido! Tudo teria sido diferente e as coisas estariam melhor para ele).

Assim como em outros dialetos alemães, a formulação com “*tun*” ou “*an*” + infinitivo também é utilizada no hunsrückisch, como em **Was tust'e da hait koche?** (*Was kochst du heute? / O que você está cozinhando hoje?*) e *Er iss an spiele* (*Er spielt gerade / Ele está brincando*).²⁷

O genitivo não aparece no hunsrückisch. Uma relação de posse é formulada através de um acusativo possessivo nominal²⁸ + o pronome possessivo “*sein*”: **de(n) Marcos sein klein Gabriel** substitui a forma “*Marcos' klein Gabriel*” ou “*der kleine Gabriel von Marcos*”. Mesmo para as mulheres é usado o pronome “*sein*”, como em “*die Karen sein Vovo*” (*Karens Großmutter / Die Großmutter von Karen*):

- *Jo, die Mãe hat gesoot, dass die [pl.] bei die Angela sein Eltre gewanet sinn. (Ja, Mutter hat gesagt, dass sie [pl.] zu Angelas Eltern gewandert [umgezogen] sind / Sim, a mãe falou que eles se mudaram para a casa dos pais da Angela).*

- *Wie die Katia sein Papa domols gestorb ist. (Als Katias Vater damals gestorben ist / Naquela vez, quando morreu o pai da Katia)*

- *Diese Sache mit die Karen sein Vovo.* (*Diese Sache mit Karens Großmutter / Essa coisa da avó da Karen*).

O hunsrückisch do Brasil traz características de alemão antigo, pois a relação com o país de origem foi cessada e o contato com o alemão-padrão atual é praticamente nulo. Com isso, muitos aspectos do alto-alemão médio foram mantidos. Todavia, alguns significados mudaram, ou seja, alguns dos antigos vocábulos ainda são utilizados, mas com outra assepsia. A palavra “*Luftschiff*”, que denominada um objeto voador existente na época da imigração, o Zeppelin, ainda é usada pelos falantes, mas para designar “avião”. A palavra do alto-alemão atual para tal objeto (*Flugzeug*) não lhes é conhecida. Também a palavra do mhd. “*smer*” é utilizada, como **schmier**. Contudo, não para denominar a gordura que se passa no pão, mas a geléia (que também é passada no pão). Trata-se de um processo metonímico, que resultou em uma palavra que entrou para o vocabulário brasileiro como sendo influência alemã – mas que não existe na Alemanha.²⁹

Em alguns poucos casos foram criadas palavras completamente novas. Segundo Oberacker Jr. (1957), o **Nägelsbaum** (Port. cinamomo) foi assim denominado devido à forma de suas flores; o tatu (nhd. *Gürteltier*) foi denominado de **Schuppenschwein**; a denominação “*Elfuhrblume*” seria uma tradução literal do nome da língua portuguesa “onze-horas”; a expressão traduzida do português “*es hat*” substitui a forma alemã “*es gibt*”.³⁰

Na maioria dos casos, porém, palavras do português eram pegadas emprestado quando a correspondente em alemão não era conhecida. Isso acontecia principalmente com a denominação de objetos que não existiam quando da imigração, ou que especificamente na Alemanha não existiam. Um exemplo para o primeiro caso é a palavra “televisão”. Nos tempos da imigração desses falantes de alemão para o Brasil, a televisão ainda não havia sido criada. Por isso, eles usam para tal objeto a palavra do português “televisão”, desconhecendo o termo *Fernseher* do alemão-padrão.

²⁶ Como já citamos, a terminação <-en> caiu por apócope

²⁷ Destacamos que o caso dativo não é usado nessa variedade e por isso a forma “*an spiele*” ao invés da “*am spielen*”, utilizada normalmente nos outros dialetos alemães. Além disso, o <n> do infinitivo já caiu através de apócope.

²⁸ Na verdade, essa forma de relação de posse também é usada ainda hoje em dialetos alemães, porém com o dativo e o pronome possessivo. Como não há dativo no hunsrückisch, ele é substituído pelo acusativo, mas a forma de expressão é mantida.

²⁹ ZIEGLER 1996, 54

³⁰ Vide OBERACKER Jr., Karl Heinrich. “Neuschöpfungen der deutschen Sprache in Brasilien”. In: *Staden-Jahrbuch: Beiträge zur Brasilkunde*, 5. São Paulo, Instituto Hans Staden. 1957. 175-184.

Um exemplo para o segundo caso de estrangeirismo é o termo “gaúcho” (nativo do estado do Rio Grande do Sul). Como uma denominação para esse grupo de pessoas só se tornara conhecida e necessária no Brasil, não existindo uma palavra alemã para tanto, os colonos tiveram que se utilizar da palavra portuguesa, acrescentando-a a seu léxico.

As construções híbridas no hunsrückisch são também constantes. Em alemão é muito normal formar palavras de dois lexemas, o que no português não é usual. O fenômeno alemão ocorre no hunsrückisch, porém, com elementos das duas línguas simultaneamente. *Mais* é uma palavra alemã não utilizada no hunsrückisch, sendo substituída pela sua correspondente do português “milho”. Conseqüentemente, a farinha de milho, que no alemão-padrão é *Maismehl*, é chamada no hunsrückisch de **Milhomehl**.

As formas flexionais do alemão também foram usadas no processo de mudança. No Rio Grande do Sul, os adultos chamam a criança do sexo masculino de “guri”. O plural do vocábulo é feito com o -s (a única forma de plural existente no português). No hunsrückisch se usa, contudo, a flexão -e pertencente ao paradigma alemão. “Guris” é então substituído por **Gurie**.

Essas formações também são encontradas com a flexão verbal. O verbo alemão “sich bekleiden” é substituído no hunsrückisch por sua correspondente no português, cujo infinitivo é “arrumar-se”. No hunsrückisch no Brasil, o infinitivo passa a **sich arrumieren**, ou seja, é usado o radical português com a terminação alemã – seguindo esta conjugação.

Obviamente, o maior número de empréstimos não está no âmbito fonológico ou morfológico, mas sim no âmbito lexical. O sociólogo Emilio Willems listou 693 palavras emprestadas do português, que foram germanizadas e pertencem ao dia-dia dos colonos, contendo, por exemplo, muitos elementos agrários.³¹ Citamos algumas delas na seguinte ordem: **hunsrückisch**, português e (alemão-padrão atual):

Feschón – feijão (<i>Bohnen</i>)	Past – pasto (<i>Weide</i>)	Karose – carroça (<i>Leiterwagen</i>)
Fakón – facão (<i>Buschmesser</i>)	Makák – macaco (<i>Affe</i>)	Schuraske – churrasco (<i>Grill</i>)
Karét – carreta (<i>Lastwagen</i>)	Mule – mula (<i>Maultier</i>)	Kanelepaum – caneleira (<i>Zimtbaum</i>)
Amesche – nêspera (não há em alemão-padrão – orig. ameixa)	Onze – onça (<i>Jaguar</i>)	
	Schikót – chicote (<i>Peitsche</i>)	

Análise sócio-lingüística

O contato lingüístico e o contexto histórico da imigração alemã no Brasil possibilitaram essa nova variedade. O que iniciou com um simples contato de códigos resultou, ao longo dos anos e da integração lingüística, em interferências, das quais se originou a mudança lingüística dos dialetos trazidos para o Brasil.

“Diglossia” é um outro termo para o caso no sul do Brasil e marca a evolução lingüística do hunsrückisch. A situação diglössica no Brasil foi marcada historicamente. Através do multilingüismo, ou seja, da capacidade de se comunicar tanto em português quanto em alemão, cada uma dessas línguas ganhou uma função específica – e esta se dá realmente de acordo com a situação de uso, não sendo uma classificação hierárquica. Nas pesquisas existentes não há, contudo, um consenso claro sobre a melhor classificação do hunsrückisch: alguns autores o vêem como uma *low-variety* (variedade baixa) em relação ao alemão-padrão (*high-variety* – variedade alta) em uma situação diglössica; Tornquist (1997), no entanto, a vê como uma *low-variety* em relação ao português; Ziegler (1996) fala de uma diglossia com bilingüismo; Damke (1997) menciona, por outro lado, que não se trata nem de um caso de diglossia nem de um caso de bilingüismo.³²

Como as pessoas dessas regiões possuem competência lingüística nessa língua e geralmente a adquirem como língua materna e, além disso, possuem também habilidades na língua portuguesa, eles são vistos como bilíngües. Exis-

³¹ WILLEMS 1980, 198-214.

³² DAMKE, Ciro. *Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbrasilien*. Frankfurt/M., Peter Lang. 1997.

tem diferentes definições para bilingüismo³³; os falantes de hunsrückisch no sul do Brasil, todavia, se encaixam em todas as definições e podem, portanto, ser considerados bilíngües.

Como Weinreich (1967) afirma, muitos empréstimos e interferências decorrentes de contato lingüístico só podem ser esclarecidos quando fatores extralingüísticos também são levados em consideração.³⁴ Muitas construções híbridas, bem como muitos estrangeirismos eram, na verdade, dispensáveis, pois ou 1) havia uma palavra alemã para o objeto, ou 2) a palavra do português poderia ter sido facilmente traduzida e ter-se-ia criado uma palavra nova segundo moldes germânicos.³⁵ Entretanto, o status do português desempenhava papel fundamental para a escolha de novos elementos do lingüísticos para o uso. Já foi mencionado que a nacionalização acabou por fazer que o uso da língua alemã diminuísse e, através disso, o português se consolidou mais como possível língua de uso diário – principalmente nas cidades, onde o acesso ao português era mais constante. O desejo de falar português, porém, já sempre foi grande – por motivos sociais, culturais e étnicos. O domínio da língua oficial do país traria vantagens.³⁶ Também em termos de comércio e política, ter o português como língua de trânsito era, no mínimo, desejável, e desses meios entravam várias palavras no vocabulário da colônia.

Com isso, não só aspectos lingüísticos desempenharam um papel no contato lingüístico, mas também os sociais. Mais do que integração lingüística, todo esse processo significava, desde seu início, uma grande adequação cultural ao novo meio em diferentes áreas: moradia, vestuário, alimentação, trabalho, meios de transporte, lazer etc.³⁷

Willems (1940) comenta dois exemplos da “aculturação” dos imigrantes e descendentes através da mudança lingüística. Primeiramente, ele discorre sobre as tradições dos gaúchos: eles usam vestimentas características, andavam a cavalo, comiam churrasco e tomavam chimarrão em cuias. Os teuto-brasileiros não só importaram essas denominações características (em forma de empréstimo ou estrangeirismo), mas também os hábitos dos gaúchos.

O outro exemplo são as palavras para membros da família, que parcialmente são usadas em português: pai (*Vater*), mãe (*Mutter*), primo (*Cousin*), cunhado (*Schwager*), sobrinho (*Neffe*), vovô (*Großvater*), dentre outras – com suas respectivas formas femininas. Willems afirma que os termos do português foram importados porque as relações familiares teriam ficado mais estreitas no Brasil, e essas palavras combinariam melhor com suas vidas na comunidade.³⁸

Willems achou uma explicação de cunho social plausível. Do ponto de vista puramente lingüístico, analisar-se-ia o processo da seguinte maneira: quando os estrangeirismos e os empréstimos entraram na língua, ainda ocorria um processo de *code-mixing*, onde se dizia o que viesse primeiro à cabeça.³⁹ Assim, a frase “Heute habe ich meinen primo gesehen” (Hoje eu vi o meu primo) era formada, sem que se pensasse em qualquer tipo de mudança. A variação lingüística se dá de forma inconsciente.⁴⁰ O *code-mixing* e *code-switching* levam à adoção de determinados termos na língua, o que é responsável pelas mudanças. Essas variações tornam-se constantes, se consolidam e se fixam. Esse é o último passo para a mudança. No caso do Rio Grande do Sul havia, a partir de um determinado momento, duas línguas à disposição: o português para conversas com pessoas de fora da colônia e o hunsrückisch já modificado e sistematicamente estruturado para o uso nas localidades de língua alemã.

A questão étnica é muito importante para a caracterização do hunsrückisch, pois essa língua “mista” revela uma situação de identidade dos teuto-brasileiros. Interessantemente, há no vocabulário dos falantes de hunsrückisch diferentes termos para cada tipo de brasileiro: os “schwarzen” (afro-descendentes), os “índios”, os “portuguêses” ou até mesmo os “brasileiros” (que possuem origem portuguesa ou são mestiços), os “deutschen” (descendentes de alemães), os “polacos” (origem polonesa) e os “gringos” (de origem italiana). Todos pertencem, porém, ao grande grupo de brasileiros.

³³ Vide PUPP SPINASSÉ (no prelo)

³⁴ WEINREICH 1967, 3

³⁵ Cf. OBERACKER Jr. 1957, 175 e WILLEMS 1980, 221-223

³⁶ Cf. ALTENHOFEN 1996, 73

³⁷ NEUMANN 2000, 35

³⁸ WILLEMS, Emilio. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1940.

³⁹ Cf. TORNQUIST 1997

⁴⁰ Cf. NEUMANN 2000, 48

Conclusões

Independente da nomenclatura é importante que o hunsrückisch seja reconhecido e respeitado como uma variedade autônoma. Muitos cientistas (principalmente professores) que ainda tomam o hunsrückisch como um processo diglótico do primeiro tipo (hunsrückisch como *low-variety* e alemão-padrão como *high-variety*), tentam, constantemente, melhorar e corrigir essa variedade, como se ela tivesse que se aproximar do alemão-padrão. No entanto, o português interfere cada vez mais no hunsrückisch e ele não é mais aprendido pela nova geração como era antigamente. Aí está uma língua que se originou de um processo natural de variação lingüística e que também de forma natural continuará a se desenvolver.

A utilização do hunsrückisch pela geração atual não é mais tão marcada culturalmente, tendo mais um peso individual. A língua materna caracteriza o indivíduo e é estreitamente ligada com a sua identidade e sua família. Os jovens das colônias de língua alemã sabem que sua língua materna está em um patamar emotivo/familiar. Ela os liga com o “lar” (a colônia, os pais) e ainda caracteriza identidade – pessoal, não “nacional”.

O hunsrückisch não é apenas um sinal sociolingüístico de que as comunidades se integraram, mas também um exemplo de um processo de variação lingüística valioso que pode contribuir muito com a teoria.

Artigo recebido em 05.08.2008 e aprovado em 12.12.2008.